

“A literatura é o espaço onde podemos dar a voz ao outro, onde podemos pôr nós mesmos em dúvida”

[Entrevista de Nuno Camarneiro¹ a Jorge Vicente Valentim²]

Sábado, 03 de novembro de 2018, às 16 horas. Lisboa oferecia um dia bonito, com os raios de um tímido sol da tarde por entre nuvens esparsas, com muitos ventos e um leve frio, que convidava a todos para um café. Na Livraria Almedina do Atrium Saldanha, tive a oportunidade de encontrar e conversar com o escritor português Nuno Camarneiro, vencedor do Prêmio Leya, em 2012, com o seu segundo texto de ficção *Debaixo de algum céu*. Em 2018, além da peça de teatro *Eu, Salazar*, publicou seu último romance *O fogo será a tua casa*, ambientado no Oriente Médio, numa região assolada pelos conflitos de guerra.

Falando sobre sua trajetória, sobre o que move o seu projeto de criação e sobre o contexto atual, Nuno Camarneiro ofereceu-nos um momento singular de troca de ideias, com generosidade e simpatia.

Jorge Vicente Valentim – Antes de mais nada, quero agradecer a disponibilidade do Nuno Camarneiro em poder estar comigo, aqui, para esta conversa, num local absolutamente propício para esse encontro. E como sempre faço em minhas entrevistas, vou iniciar com uma pergunta que, para alguns, é quase um desafio. Quando vamos à internet e digitamos o nome do(a) escritor(a), sobretudo aquele(a) que estamos a pesquisar, sempre encontramos informações muito numéricas e, mesmo assim, nem sempre muito precisas: onde nasceu, a data, os pais, os ofícios, as obras, enfim, dados puramente temporais e geográficos. Por isso, começo perguntando: quem é Nuno Camarneiro?

Nuno Camarneiro – Como boa parte das pessoas, eu também sou e faço muitas coisas (risos). Ora bem, eu fiz parte de minha formação na área científica, Engenharia Física é o meu curso, depois estive um ano a trabalhar no CERN, na Suíça, no Centro de Investigação de Partículas. Em seguida, fiz um Doutorado em Ciência Aplicada à Conservação e Restauro, em Florença, na Itália, e só então regresssei a Portugal, onde estive a realizar um Pós-Doutorado na Universidade de Aveiro. Neste momento, dou aulas no Curso de Restauro da Universidade do Porto, para onde vou todas as semanas. Portanto, fiquei na área científica, mas sempre com aplicação à área do restauro. Este é o meu percurso profissional mais estrito, e, no meio disto tudo, apareceu a literatura. Quando estava em Itália,

¹ Escritor português, vencedor do Prêmio Leya 2012, com o romance *Debaixo de algum céu*. Autor de *No meu peito não cabem pássaros* (2008 – romance), *Se eu fosse chão* (2012 - contos), *Ainda hoje, era ontem* (2015 – teatro), *Não acordem os pardais* (2015 – literatura juvenil) e *Salazar* (2018 – teatro), Nuno Camarneiro é, atualmente, professor da Universidade Portucalense (Porto).

² Professor Associado do Departamento de Letras e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFSCar. Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UNESP/FCLAr.

First name Surname – "Name of article Name of article Name of articlearticle ..."

comecei a escrever um pouco mais, mas, assim que regressei a Portugal, terminei o primeiro romance, *No meu peito não cabem pássaros* (2011), e, a partir daí, tenho vindo a publicar. Tenho 3 romances, 1 livro de contos, que é um pouco também um romance, e 1 livro infantil.

JVV – Sem querer interromper-te, eu acho esse livro de contos muito mais um texto com configuração de romance, como bem disseste. Eu ainda continuo pensando nele como um romance (risos).

NC – Sim, claro, muita gente tem discutido isso. *Se eu fosse chão* (2015) permite essa possibilidade de leitura.

JVV – Certo, mas voltaremos a ele depois. A maioria dos escritores tem uma relação conflituosa quando interrogados sobre o processo de criação. Alguns confessam que, às vezes, esse processo é muito doloroso, e outros, no entanto, sublinham que o exercício ocorre com uma certa fluidez e facilidade. Como você lida com a criação escrita?

NC – Ora bem, há uma primeira coisa que preciso dizer dessa parte literária: eu não escrevo por obrigação. Não me imponho uma meta de publicar 1, 2 ou 3 romances todos os anos. O texto vai nascendo como eu quero, sem qualquer tipo de pressão externa. Em outras áreas, porém, entendo que há uma obrigação maior por causa da questão da periodicidade, como a publicação das crônicas semanais, no *Diário de Notícias*, ou outras encomendas. Nesses casos, é preciso cumprir prazos. E, por vezes, nesses casos, é mais doloroso, porque tem que ser e não há volta a dar. Na literatura, sobretudo até $\frac{3}{4}$ do livro, há essa liberdade de poder escrever o que quero, no momento em que quero, e é um momento de prazer, o que não quer dizer que não tenha dificuldades, mas elas são superadas porque sou guiado exatamente por esse prazer da escrita. Obviamente, à medida que o livro se finaliza, com as revisões, essa parte é mais dolorosa, porque obriga-me a um esforço maior, mais concentrado no tempo, obriga-me a uma maior atenção, obriga-me, às vezes, a reiterar ou retirar alguma coisa do texto, que, nem sempre, me apetece tanto. Contudo, apesar de não ser só prazer, creio que não tenho uma relação angustiada com a escrita. A angústia, por vezes, tem mais que ver com os temas, com os assuntos, sobre os quais estamos a escrever, que são dolorosos. Mas isso não tem tanto a ver com o processo de escrita, e sim para onde esta nos leva.

JVV – Muito interessante a sua observação, porque isso se percebe nitidamente no seu último romance, *O fogo será a tua casa* (2018). A confrontação do protagonista com o cenário de violência é extremamente dolorosa.

NC – Sim. Não diria que foi fácil tocar no tema em especial. Mas a sua realização passou pelo mesmo processo que antes relatei.

JVV – No seu último romance, o narrador em primeira pessoa tem o nome de Nuno. Isso acaba gerando uma certa expectativa no seu leitor, afinal, até que ponto esta coincidência (que eu penso não ser, na verdade) pode ser entendida como uma estratégia autobiográfica?

NC – Quando escolhi o tema do livro e a história que ia contar, achei que só faria sentido se ela fosse vivida na primeira pessoa, que qualquer outra estratégia soaria falsa. É claro que se trata de uma ficção autobiográfica, uma vez que nunca me vi

First name Surname – ”Name of article Name of article Name of articlearticle ...”

em tais apuros, mas há elementos de verdade nas reflexões e memórias que vou invocando ao longo do romance.

JVV – Aliás, um detalhe curioso em *O fogo será a tua casa* (2008) está na composição gráfica, pois, antes de cada capítulo narrado por Nuno, há um sinal, que julgo ser do alfabeto árabe. Em conjunto, elas compõem alguma frase na sua língua original? Qual a relevância da sua utilização para a compreensão da trama?

NC – Na verdade, os caracteres que pontuam os capítulos são simplesmente algarismos do sistema de numeração árabe ainda em uso em países como o Irão e o Afeganistão. Decidi usá-los por o tempo da narrativa me ter sido roubado pelos meus sequestradores, são semanas (meses?) em que o tempo me foi imposto por outros.

JVV – Já que estamos a falar do seu processo de escrita, interessa-me saber um detalhe sobre as suas crônicas. Apesar da acessibilidade ao texto ser mais fácil, em virtude da disponibilidade *on line* que os órgãos de comunicação possuem, o Nuno planeja, em algum momento, reuni-las em livro e publicá-las nesse formato?

NC – Sim, eu creio, aliás, que, quando tiver já um *corpus* de uns dois anos – se continuar a publicar, é claro –, farei algo nesse sentido, de selecionar algumas, talvez por assuntos ou por momentos em que foram dadas ao público. Não é para já, mas pretendo, sim, um dia, publicá-las.

JVV – Falando ainda sobre o processo de criação. Os títulos dos seus livros são muito curiosos. Lembro-me, certa vez, de quando usei um dos seus romances numa turma de Graduação, depois de pesquisar sobre ti, um dos meus alunos levantou exatamente a questão de que seus títulos eram muito longos e davam a sensação de serem os primeiros versos de um longo poema (risos). *No meu peito não cabem pássaros*, *Debaixo de algum céu*, *Se eu fosse chão* e, agora, *O fogo será tua casa*. Todos eles se impõem desde o início do seu exercício de escrita ou eles vão surgindo ao longo do processo?

NC – Bom, em todos esses casos, eles aconteceram ao longo do processo. Por vezes, é uma frase do livro que eu acho que merece se tornar título, como foi o caso do primeiro romance (*No meu peito não cabem pássaros*), noutros, é mais fortuito. No segundo livro, por exemplo, eu tinha que enviar um título para o concurso do Prémio Leya e tive de achar na última hora (risos). E aí, fui roubá-lo à *Divina Comédia*, pois *Debaixo de algum céu* é um verso de Dante. No terceiro, voltei a usar uma frase que é dita no meio da obra: “Se Deus fosse chão” e eu alterei para *Se eu fosse chão*. E no último, encontrei o título num verso do Alcorão. Trata-se de uma maldição que é feita aos infiéis: “Que o fogo será a sua casa”, e passei, então, a *O fogo será a tua casa*. Eu acredito que o título precisa ter uma qualidade poética, sugestiva o suficiente, e, de algum modo, ser uma metáfora do livro, se quiser.

JVV – Eu gostaria muito de poder falar de todos os seus livros, mas, infelizmente, o tempo não me permite, então, vou iniciar com *Se eu fosse chão*, que alguns classificam como um livro de contos, mas que eu, sinceramente, não acredito que seja, mas enfim (risos). A questão, para mim, é que o grande personagem deste texto é o espaço. Ao lado do tempo, outro fator importante na construção da trama, não à toa, as “Histórias do Palace Hotel” (subtítulo dessa obra) aparecem agrupadas

First name Surname – ”Name of article Name of article Name of articlearticle ...”

em 3 grandes eixos epocais: 1928, 1956 e 2015. Em que medida a escolha desses anos foi proposital?

NC – Sim, claro, Vamos lá ver. No fundo, eu quis escolher anos que não fossem já demasiadamente marcados por momentos históricos. Há épocas que já estão excessivamente exploradas por eventos das mais variadas ordens na história: as Grandes Guerras, os diversos conflitos armados em diferentes partes do mundo, etc. Eu quis épocas nodais, que ficassem entre esses grandes momentos. Então, temos os períodos entre a I e a II Grande Guerra (1928), após a II Guerra (1956) e, depois, os dias de hoje (2015). Achei que me dariam uma aproximação menos viciada. Ao mesmo tempo, o fato de ter escolhido esses três anos tem a ver com a minha vontade de querer arrumar um pouco melhor o século XX na minha cabeça (risos).

As primeiras memórias que eu tenho não são minhas, mas da minha bisavó que nos criou. Portanto, as primeiras histórias que eu ouvi são as que dela recebi, de quando eu era criança, e todas elas ocorreram exatamente pela década de 1920. Então, nessa arrumação que eu me propus fazer para entender o século XX e a minha própria época, seguem-se as dos meus avós e dos meus pais, localizadas na década de 1950, e, por fim, as minhas próprias, situadas nos primeiros anos do século XXI.

JVV – Esse texto, especificamente, tem um aspecto muito interessante. A princípio, ele tem uma arrumação temporal diacrônica (1928, 1956 e 2015) e uma sequência espacial lógica, porque inicia no 1º e vai até o 3º andar, certo? Mas, dentro deste plano coerente que arruma tempo e espaço gradualmente, ele inicia a primeira etapa (1928) com o recepcionista Miguel e termina com o ascensorista Alexandre. O eixo de 1956 tem o *maître d’hôtel* Arlindo na sua conclusão e o de 2015 o jardineiro Lucas. Ou seja, personagens que representam pessoas absolutamente comuns, muito diferentes de uma certa aristocracia que passa pelo hotel e de alguns profissionais, como engenheiros, professores, etc. Enfim, todos aqueles personagens que destaquei são muito diferentes desses. Mas, há um, em especial, que chama a atenção: Arlindo. É dele, aliás, uma das falas mais instigantes do romance: “Um hotel é um mundo pequeno feito à imagem do outro maior. Nós garantimos que a escala permaneça justa, sem nada aumentar ou reduzir. Não nos peçam para corrigir o que vai torto ou torcer o que anda certo. Servimos os nossos hóspedes e damos-lhes a importância que merecem, ou que podem pagar. O resto pertence à justiça ou à igreja, não somos juízes nem padres. Somos artífices do detalhe e da memória, e não nos peçam mais” (*Se eu fosse chão*, 2016, p. 86).

O Nuno se espelha nos seus personagens, ou melhor, de certo modo, são eles que espelham os pensamentos do autor?

NC – (risos) Sim, sim. Em todos, diria eu, mas nesta obra, em particular, por ter tantas histórias de tantos personagens. É um livro caleidoscópico. Eu creio que é muito difícil fazer um personagem que não tenha, pelo menos, uma pequena parte nossa. Às vezes, é uma parte menor, ou outra que de que nem gostamos tanto, mas fazê-lo fora de nós é muito difícil, ou, então, torna-se uma caricatura, um personagem-tipo, estás a perceber? De modo que os meus personagens terão alguma faceta minha ou parte dela, mesmo que eu não saiba onde, e muitas vezes não saberei (risos).

First name Surname – ”Name of article Name of article Name of articlearticle ...”

JVV – Mas, mesmo não sabendo (risos), em vários momentos, o leitor fica com a sensação de que o seu Palace Hotel é a representação de um espaço muito maior, podendo ser, inclusive, uma efabulação do próprio país!

NC – Sim, sim, certamente.

JVV – Por quê? Afinal, o hotel não pode ser entendido como uma espécie de metáfora/metonímia do país?

NC – Confesso que não sei, e que não me interessa saber exatamente qual o alcance dessa metonímia, mas claramente isso existe. Cabe ao leitor tirar as suas conclusões (risos).

JVV – Na verdade, essa minha insistência em falar do seu olhar sobre o contexto político-social português é movida por uma curiosidade. Em 2018, você escreveu uma peça de teatro, intitulada *Eu, Salazar*. E, em *Se eu fosse chão*, aparece um personagem chamado Professor António, que constitui, a meu ver, uma releitura muito curta, sucinta e, por isso mesmo, muito interessante, feita por si e que remete de forma direta à imagem do estadista português. Foi uma escolha aleatória ou trata-se de uma obsessão do Nuno de se debruçar sobre a figura de Salazar?

NC – Não, aleatória não é, mas também não diria que se trata de uma obsessão. Simplesmente, eu acho que, para quem pertence à minha geração, ou seja, filhos de pais que passaram pelo regime – e passaram de diversas formas, tendo lutado, tendo ido à Guerra, como foi o caso do meu pai – e viveram o 25 de Abril de 1974, não será difícil perceber que uma das grandes figuras do século XX em Portugal foi Salazar. E, neste momento, passa-se a tratar dessa história de uma forma diferente, porque, até à geração anterior, era demasiado cedo e toda a gente tinha um viés demasiado grande, ou porque tinha sido oprimido ou porque havia feito parte do sistema do Estado Novo. Portanto, é difícil ter um relacionamento mais distanciado com o personagem. Logo, a peça de teatro foi uma espécie de exercício, de tentativa de algum distanciamento crítico, mas pondo em perspectiva o personagem, o que era, o que terá movido, por que é que Portugal quis aquele ditador, ou melhor, por que a nossa sociedade criou aquele ditador? Por que um servia ao outro, e vice-versa? E penso que essa altura é a época certa para se refletir porque os nossos pais estavam demasiadamente envolvidos com tudo o que aconteceu, e os nossos filhos já vão estar também demasiadamente distanciados para ter uma ideia da importância do Salazar. Acredito que este é o momento certo para se fazer isso.

JVV – Como estamos a conversar sobre momentos delicados, e sem querer roubar o prazer da leitura ao seu leitor (risos), até porque eu ainda estou na metade do livro, em *O fogo será a tua casa*, você toca num ponto crucial para o nosso contexto atual: o contato com culturas diferentes. Trata-se de um olhar de um ocidental, de um europeu, sobre o Oriente Médio. O que moveu o Nuno a se debruçar sobre este assunto e da forma como faz, já que o romance esbarra, inegavelmente, com o tema da violência?

NC – Há uma primeira posição que é a seguinte: nas últimas décadas, a questão dessa fricção entre o mundo chamado Ocidental e o mundo Islâmico tem se acentuado e é uma das grelhas delicadas para tentarmos entender o que tem acontecido, não é? Pois, está tudo ali envolvido, está a história, está o colonialismo,

First name Surname – ”Name of article Name of article Name of articlearticle ...”

está a questão religiosa, está a questão dos Estados que se autonomizaram da Igreja, enfim, tudo isto está lá e precisa ser discutido quando se fala das relações entre o mundo Ocidental e o mundo Islâmico. Infelizmente, o que acontece é que há muito pouca disponibilidade para falar destas coisas, e fala-se apenas quando há um atentado ou um acidente trágico. E nesses momentos, a forma como se discute, quase sempre, carece de profundidade e nem sempre se faz de maneira tranquila. Quase sempre, é histérica, aos berros...

JVV – Às vezes, muito estereotipada?

NC – Sim, muito. Recorre-se aos estereótipos. E, portanto, isso não é maneira de se discutir tema nenhum. Uma vez que a comunicação social tem uma dificuldade de fugir a esse esquema do imediatismo, ou seja, há um atentado, fala-se muito durante uns dois dias, por exemplo, e depois dão lugar a outro tema, acredito que a literatura é o espaço para fazer essa reflexão, mais pausada, mais profunda, e menos maniqueísta, onde podemos dar a voz ao outro, podemos pôr nós mesmos em dúvida. E foi isto que tentei fazer neste livro. Abordar as coisas, não com as pequenas grelhas que os jornais e as televisões nos impõem, mas com outro olhar, diferente mesmo, que é o olhar literário.

JVV – O escritor argentino Jorge Luis Borges, num dos seus textos, chamado “Kafka e seus precursores”, levanta a hipótese de que algumas ideias e eixos temáticos de um autor podem aparecer anteriormente em outros, construindo, assim, uma espécie de irmandade, uma confluência temática em rede, onde ecos podem ser repercutidos em escritores de diferentes épocas. Então, mesmo levando em consideração que a sua obra ainda se encontra num processo de construção, quem você considera os precursores de Nuno Camarneiro?

NC – Isso é muito difícil (risos). Se bem que, já na minha primeira obra, *No meu peito não cabem pássaros*, eu revelo algumas pistas. É o Jorge (que é o Jorge Luís Borges), é o Fernando (que não poderia ser outro a não ser o Fernando Pessoa). E há uma personagem que eu fui roubar a Kafka, que é o Karl Hoffman. Só aqui já dá para montar um eixo (risos).

JVV – Eu sei (risos). Eu já fiz essa pergunta de propósito.

NC – E, portanto, eu já quis logo matar os peixes no primeiro livro (risos). Aliás, eu quase diria que, para um escritor com minha idade e dado o nosso contexto, seria muito difícil fugir a essas 3 figuras (Borges, Pessoa e Kafka), porque foram iniciáticos de um certo tipo de literatura, até porque alguns temas se repetem muito entre eles. Além disso, foram escritores do início do século XX e marcaram profundamente tudo o que veio depois deles. Todo o Modernismo foi muito marcado por essas três figuras, sobretudo, no mundo dito lusófono, a presença de Pessoa deixou contribuições inquestionáveis. Depois, há muitos outros escritores no meu processo de leitura. Os contistas, sobretudo, foram muito importantes para mim. Na verdade, o conto foi que me levou a escrever, além do Borges, o Ítalo Calvino, o Julio Cortazar e outros autores.

JVV – Bom, antes de concluir, gostava de terminar com o que chamamos no Brasil de um “bate-e-volta”. Eu faço uma pergunta e você me responde, automaticamente,

First name Surname – ”Name of article Name of article Name of articlearticle ...”

com a primeira palavra ou o primeiro nome que vier à cabeça, certo? Pois bem, um ou uma romancista?

NC – Vivo ou morto? (risos)

JVV – Como você preferir.

NC – Milan Kundera.

JVV – Um poeta ou uma poetisa?

NC – Manoel de Barros.

JVV – Um livro?

NC – *Dom Quixote*.

JVV – Um compositor?

NC – Luigi Boccherini.

JVV – Uma canção?

NC – Essa é difícil (risos). Deixe-me pensar... “Sampa”, de Caetano Veloso.

JVV – Um sonho?

NC – Voar. Sempre (risos).

JVV – Nuno, muito obrigado pela disponibilidade e pelo tempo para esta breve conversa.

NC – Os agradecimentos, na verdade, são meus. Muito obrigado!